

Indústria paulista declara uma trégua ao Governo

Saída de Gustavo Franco agrada ao empresariado de São Paulo, que espera redução na taxa de juros

• SÃO PAULO e RIO. As indústrias paulistas darão uma trégua de cem dias para o Governo. Os empresários estão confiantes de que a desvalorização do real abre espaço para a redução dos juros. A afirmação é de Synésio Baptista da Costa, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos. Segundo ele, cem dias é o tempo necessário para o novo presidente do Banco Central (BC), Francisco Lopes, mostrar a que veio.

— Os empresários agora têm de parar de reclamar. Todo o setor produtivo brasileiro esperava a saída de Gustavo Franco do BC — afirmou Costa, crítico ferrenho dos juros altos.

Na avaliação dele, a desvalorização de 8,2% do real põe novamente as exportações brasileiras no jogo do comércio mundial, embora ela ainda seja insuficiente para garantir a competitividade do país no mercado internacional. Segundo ele, manter Franco à frente do BC seria insistir em uma política econômica que não estava dando certo.

— A fuga de dólares do país

nesse início de ano não foi causada pelo pedido de moratória do governador Itamar Franco, mas pela crise de confiança na condução da política econômica. Gustavo Franco teve tempo de mostrar a que veio e o presidente Fernando Henrique Cardoso agüentou até onde pôde — afirmou o empresário, acrescentando que gostou da mudança no BC porque Francisco Lopes não é turrão, como seu antecessor.

Demora no ajuste causou a crise, diz Gouvêa Vieira

Mas, para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, a demora na votação do ajuste fiscal foi a principal causa da crise gerada pela fuga de capitais e pela desvalorização do real. Na opinião de Gouvêa Vieira, a votação do pacote é a única maneira de enfrentar a crise de confiança pela qual passa o Brasil. Segundo o presidente da Firjan, a mudança da banda cambial não vai resultar em queda substancial dos juros. Essa redução só será possível com o equilíbrio fiscal. O país, afirma Gouvêa Vieira, não pode continuar

gastando mais do que arrecada:

— É um processo doloroso, mas precisamos equilibrar as nossas contas. Há 35 anos o país está com déficit. Só que agora não temos mais inflação para encobrir essa deficiência.

O coordenador do núcleo de política da Fiesp, José Eduardo Bandeira de Mello, acredita que a saída de Franco foi uma estratégia do Governo, pois ele estava

muito desgastado politicamente:

— Gustavo Franco foi um dos elementos da cúpula do Governo que se expôs demais, com declarações muita agressivas. A saída dele ajuda o Governo a recompor a sua credibilidade.

Mas Bandeira de Mello considera que a desvalorização da moeda em um momento de crise como esse é muito perigosa.

O presidente da Associação

Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), Paulo Skaf, disse que a desvalorização da moeda precisa vir junto com abertura de linhas de financiamento. Mário Bernardini, diretor da Fiesp e vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), acrescentou que o Governo terá o apoio do setor se houver mudanças na política econômica.

— A substituição de Gustavo Franco não garante a volta do crescimento econômico.

A REPERCUSSÃO ENTRE O EMPRESARIADO

“Os empresários têm que parar de reclamar, já que todo o setor produtivo esperava a saída de Gustavo Franco.”

SYNÉSIO BAPTISTA DA COSTA • DIRETOR DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP) E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE BRINQUEDOS

“Precisamos equilibrar as nossas contas. Há 35 anos o país está com déficit. Só que agora não temos mais inflação para encobrir essa deficiência.”

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA • PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO (FIRJAN)

“A simples substituição de Gustavo Franco não garante a volta do crescimento econômico.”

MÁRIO BERNARDINI • DIRETOR DA FIESP E VICE-PRESIDENTE DO CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (CIESP)

“O problema do Brasil é de credibilidade.”

ANTENOR BARROS LEAL • PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE TRIGO

Desvalorização compensou falta do ajuste fiscal, diz Barros Leal

Apesar de a desvalorização afetar diretamente a indústria do trigo, já que 80% do consumo nacional é importado, Antenor Barros Leal, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), considerou a desvalorização uma medida compensatória. Para ele, a subida de juros se mostrou inócua para conter a sangria de dólares na crise da Rússia e não houve ainda a aprovação das reformas que mostraria ao mundo que o país executaria o ajuste fiscal.

— O problema do Brasil é de credibilidade — disse. ■